
De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário¹

Mateus Yuri Passos²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho se debruça sobre os definidores do real em obras de jornalismo literário. A análise se centrou sobre as diferentes formas de representação de entrevistados e da articulação de seus discursos em três reportagens – "Eletrochoque", de Consuelo Dieguez, "Voluntário número 13", de Roberto D'Ávila – ambas publicadas na revista *piauí* – e "Magnetismo contra a depressão", de Ricardo Zorzetto, publicada na revista *Pesquisa Fapesp*. Foi observado que, enquanto outras formas de jornalismo empregam entrevistados como fontes de informação amparadas e validadas a partir das instituições de poder que representam, no jornalismo literário esses indivíduos se transformam em personagens cuja fala é validada a partir de suas vivências, que lhes conferiria credibilidade de modo independente de um amparo institucional.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Fontes de informação; Personagens; Ideologia do Cotidiano; Polifonia; Mikhail Bakhtin.

1. Dois modelos jornalísticos

Este trabalho se centra sobre o papel das fontes de informação no jornalismo e move-se a partir da indagação sobre quais particularidades permitem distinguir a função discursiva das fontes no jornalismo literário em relação a outros modelos jornalísticos – em especial, tendo em vista os diferentes pressupostos que embasam a episteme de cada modelo, interessa-me saber se há maior ou menor potencial para um tratamento mais isento das fontes, expresso naquilo a que Mikhail Bakhtin (2010) denomina *polifonia* – a presença de uma miríade de vozes discursivas distintas que permita reconstituir um acontecimento ou discutir um tópico de forma complexa, sem direcionar o leitor a um fechamento conclusivo, fornecendo mais instrumentos para uma abertura interpretativa.

Desse modo, discutiremos brevemente os elementos distintivos dos dois modelos jornalísticos em discussão e apresentaremos alguns pressupostos sobre seu comportamento em relação a fontes de informação. A seguir, apresentaremos brevemente

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisador pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero com bolsa CAPES. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas com período sanduíche na Ludwig-Maximilians-Universität München. Contato: mateus.passos@gmail.com

alguns casos clássicos de usos distintos de fontes de informação no jornalismo literário. Finalmente, serão analisadas três reportagens: "Eletrochoque", de Consuelo Dieguez, e "Voluntário número 13", de Roberto D'Ávila – ambas publicadas na revista *piauí* e exemplares de gêneros de jornalismo literário – em contraste a "Magnetismo contra a depressão", de Ricardo Zorzetto, publicada na revista *Pesquisa Fapesp*, mais afim aos princípios do jornalismo de pirâmide. A análise se centra sobre como diferentes formas de representação de entrevistados e da articulação de seus discursos em três reportagens pode, por um lado, colocar toda a autoridade discursiva nas mãos da ciência, e por outro colocar essas instituições em diálogo ou confronto com outros setores da sociedade, cuja voz é igualmente valorizada. Embora tenham sido publicados entre 2007 e 2008, os três textos jornalísticos – coletados no contexto de uma pesquisa mais ampla sobre o uso da narratividade em reportagens sobre ciência – permitem traçar de forma mais clara o contraste entre modelos jornalísticos ao abordarem, de modo bastante distinto, a aplicação de terapias experimentais em medicina. O tópico foi selecionado com o pressuposto de que o jornalismo literário não se restringe ao que se convencionou chamar de conteúdo "de interesse humano", ou mesmo diversional, e oferece boas soluções como veículo para o oferecimento de informações.

Estando claras as linhas gerais do trabalho, é preciso apresentar duas premissas gerais que tomo como ponto de partida, desenvolvidas em trabalhos anteriores. A primeira delas define jornalismo literário como um termo bastante amplo que abarca um conjunto diverso de gêneros enunciativos situados na fronteira entre jornalismo e literatura (PASSOS, 2014). O jornalismo literário surgiu e se desenvolveu de forma independente em diversos lugares do mundo entre os séculos XVIII e XX – no mundo anglófono, por exemplo, teve como ponto de partida as *sketches* que se popularizaram a partir dos anos 1820, um gênero análogo à crônica brasileira (SIMS, 2007) –, com alguns momentos de influência mútua – o Novo Jornalismo norte-americano da década de 1960, por exemplo, foi decisivo para o investimento em jornalismo literário por veículos brasileiros como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* (LIMA, 2008).

Derivando dessas considerações, a segunda premissa defende que, enquanto representação do real, o jornalismo literário pode ser melhor compreendido como um modelo jornalístico distinto, ao invés de um gênero ou modalidade agrupada junto às categorias de jornalismo informativo, opinativo, interpretativo etc (PASSOS e ORLADINI, 2008). Desse modo, o jornalismo literário se contrapõe, como modelo, ao

jornalismo de pirâmide (PASSOS, 2010), assim denominado por ter como seu produto principal e mais nobre as notícias e reportagens estruturadas na forma da pirâmide invertida encabeçada pelo *lead*, o qual concentraria em si a unidade informativa essencial de um acontecimento (GENRO FILHO, 2012) – porém, o jornalismo de pirâmide, num escopo mais amplo, marcado pela separação histórica entre notícia e opinião, abarca também os diversos gêneros opinativos e interpretativos associados a essa dicotomia.

Tendo isso em vista, uma primeira possibilidade a se levantar seria a de que nos gêneros de jornalismo literário essa separação inexistisse; porém, como apontado por David Eason ao tratar de vozes enunciativas no *Novo Jornalismo* (1990), há uma parcela considerável de repórteres que evita incluir conteúdo opinativo, ou prefere fazê-lo por meio de descrições metafóricas ou comparações (MARTINEZ, 2016), sem emitir diretamente juízo a respeito de pessoas e ações – para Eason, esses são jornalistas literários "realistas", a quem poderíamos chamar também de *empiricistas*, que tomam como pressuposto a viabilidade de se apreender e reconstruir em texto uma realidade externa existente *a priori*; em oposição a esse conjunto Eason apresenta repórteres "modernistas", a quem poderíamos considerar *fenomenologistas*, que se propõe a apresentar uma apreciação e narração de acontecimentos e pessoas a partir de suas próprias lentes, de seus filtros culturais e ideológicos, e não se contém no que toca ao oferecimento de opiniões, pois compreendem seu papel não como o da mediação isenta, mas como o da interpretação da realidade – embora ainda baseada na apuração de fatos e na realização de entrevistas. Assim, o grau de separação entre fatos e opiniões, o nível de interpretação autoral embutido nos textos varia fortemente entre autores e gêneros de jornalismo literário. Conforme apontado por Eduardo Ritter em sua tese de doutoramento (2015), o jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson tem como traço distintivo a parresía – uma enunciação franca, sem freios –, a qual não se encontra de forma alguma, por exemplo, nas reportagens de Lillian Ross, a qual entendia que as próprias ações e as falas de seus entrevistados seriam suficientes para que os leitores tirassem conclusões a respeito deles.

Um elemento que permite distinguir de forma mais demarcada como cada um dos modelos concebe a episteme do jornalismo, porém, está no peculiar uso de personagens como definidores do real em obras de jornalismo literário – o qual parece ser comum aos diversos gêneros enunciativos que o termo compreende.

No jornalismo de pirâmide o papel de fontes de informação, de acordo com Aldo Schmitz (2011), se configura tanto no auxílio à apuração das notícias, enquanto entrevistados, como no oferecimento de conteúdo próprio para deliberadamente fornecer informações que possam dar origens a pautas de notícias e reportagens – podendo, nesse caso, ser consideradas como "um poder que mede forças com o 'poder da imprensa'" (SCHMITZ, 2011, p.10). Schmitz distingue as fontes entre primárias – diretamente envolvidas com fatos – e secundárias – cujo papel é o de analisar e interpretar informações obtidas a partir das fontes primárias, podendo ser ainda classificadas, de acordo com seu status social, como fontes oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais, especializadas ou referenciais. Stuart Hall et al (2016) defendem ainda que um conjunto específico de indivíduos ocupa um patamar privilegiado enquanto fonte – seja pelo envolvimento direto com eventos em questão ou pelo oferecimento de análises –, a ponto de suas enunciações serem utilizadas para definir o enfoque, o fio condutor da narrativa noticiosa; ou seja, para definir um determinado recorte e uma determinada leitura de realidade que serão seguidos numa determinada peça jornalística. Essas fontes, que compreendem as oficiais, empresariais, institucionais e especializadas, são chamadas por Hall e seus colaboradores como "definidores primários", justamente por conta desse papel crucial na condução da produção jornalística.

Como apontei em um trabalho anterior (PASSOS, 2010), é justamente em busca de objetividade que o jornalismo de pirâmide confia aos definidores primários o papel de intérpretes da realidade, delegando ao repórter a função de mediador e de "garimpador" de declarações dessas fontes. Desse modo, podemos afirmar que o jornalismo de pirâmide se fia não em indivíduos para a representação e análise de fatos, mas em instituições – governos, órgãos de polícia e defesa, empresas e, principalmente, os diversos ramos da ciência; e seria justamente o poder institucional dessas organizações, seu prestígio e reconhecimento social, o que conferiria credibilidade tanto a às fontes que as representam quanto ao material noticioso que faz uso delas para tratar de determinado acontecimento.

Esses procedimentos, porém, têm como consequência a reprodução de um pensamento hegemônico a que Bakhtin (2012) conceitua como *ideologia oficial*, desenvolvida e reforçada justamente pelo conjunto de instituições que respaldam os definidores primários, e que o autor contrapõe a uma *ideologia do cotidiano* que seria formada pela experiência imediata de indivíduos ligados ou não a essas instituições – e

nesse caso me parece adequado reforçar a acepção dessa experiência como algo não-mediado, ou seja, anterior à construção da realidade nos meios de comunicação de massa.

A definição da leitura do real por essas fontes, assim como a circulação majoritária de suas declarações, que as hierarquiza num estrato superior de qualidade e credibilidade em relação a outros tipos de fonte, acaba por reforçar o suporte à ideologia oficial e por silenciar e marginalizar outras vozes e possibilidades interpretativas, fenômeno a que Elisabeth Noelle-Neumann (1993) denomina *espiral do silêncio*.

Por outro lado, enquanto o jornalismo de pirâmide utiliza entrevistados como fontes de informação amparadas e validadas a partir das instituições de poder que representam, no jornalismo literário esses indivíduos se transformam em *personagens* que, retratados em seu sentir e agir no mundo, têm a validação de sua fala articulada a partir de suas vivências, que lhes conferiria credibilidade de modo independente de um amparo institucional.

Repórteres como Joseph Mitchell (2012) e James Agee (2009) buscavam em suas reportagens mais célebres não apenas ouvir fontes não-oficiais, o chamado *everyman* ["homem comum"], mas tornar suas experiências e ponto de vista o centro da enunciação, o principal definidor do enfoque e do tom da narrativa. Todo o conjunto da obra de Mitchell pode ser compreendido como análogo aos esforços de Joe Gould, um de seus personagens, que pretendia compor uma história oral da vida norte-americana das primeiras décadas do século XX, a suprema antologia da ideologia do cotidiano dentro dessa delimitação cronotópica (PASSOS, 2014). Já Gay Talese (2005) e Truman Capote (2003) ao reconstruírem em texto, respectivamente, alguns dias na vida do cantor Frank Sinatra e os acontecimentos em torno do assassinato da família Clutter, no Kansas, entrevistaram incansavelmente dezenas de pessoas que tiveram contato direto com seus protagonistas – que, no caso do romance de não-ficção de Capote, eram tanto os membros da família quanto os assassinos Perry e Dick; mesmo quando seus entrevistados eram indivíduos de capital institucional que comumente receberiam o tratamento de definidores primários, como policiais, juízes ou produtores da indústria fonográfica, interessava mais aos repórteres a experiência que essas pessoas carregavam consigo, aquilo de ideologia do cotidiano que tinham a ofertar – e é na forma de experiências, de cenas que essas entrevistas foram transportadas para as narrativas.

Podemos atribuir esse comportamento discursivo à postura contrahegemônica que pautava o Novo Jornalismo norte-americano (PAULY, 1990), que pode ser estendida à

tradição do jornalismo literário anglófono como um todo, estendida mesmo a temas de ciência e tecnologia, com abordagens que não se restringem nem têm seu enquadramento delineado necessariamente por definidores primários – nesse caso compreendido com as expertises científicas de um determinado conjunto de conhecimentos. Como apontei num trabalho anterior (PASSOS, 2010), o jornalismo de pirâmide tem dificuldades em confrontar declarações de expoentes da ciência – ou seja, de confrontar as próprias instituições científicas –, ou mesmo de descolar-se deles para buscar outros caminhos de definição dos fatos, por ter uma base epistemológica positivista erigida sobre a firme convicção de que os métodos científicos geram leituras que, se não inequívocas, seriam as mais confiáveis acerca de fenômenos, fatos e comportamentos.

O arranjo discursivo do jornalismo literário, por outro lado, ao privilegiar a experiência e organizar as fontes/personagens de forma mais horizontalizada, se comporta de forma bastante similar à comunidade estendida de pares proposta por Funtowicz e Ravetz (1993), na qual as expertises de determinada área dialogariam em igualdade com não-especialistas diretamente interessados ou envolvidos em algum tópico para que se pudesse realizar tomadas de decisão baseadas num diálogo mais plural – verdadeiramente *polifônico*, nos termos de Bakhtin (2010), uma vez que vozes com discursos efetivamente distintos teriam oportunidade de ser ouvidas sem que algum poder mediador conferisse maior ou menor autoridade a uma parte delas.

Um tratamento polifônico de temas ligados a tecnociências pode ser encontrado em *Vozes de Tchernóbil*, de Svetlana Aleksiévich (2016), formado por depoimentos de pessoas de diversos estratos sociais – dentre eles camponeses e a esposa de um bombeiro – que foram tomados de surpresa pelas consequências da explosão do quarto reator da usina nuclear de Tchernóbil em abril de 1986 – porta-vozes da ideologia do cotidiano que se viu fustigada pela ideologia oficial, passando por deslocamentos forçados, testemunhando mortes apavorantes de entes queridos e recebendo sempre ordens, mas nunca instrumentos para compreender o que se passava. Nesse aspecto, a definição do real é pautada pelos testemunhos, pelo drama humano, em meio aos quais pareceria irônico e de menor importância a busca por explicações científicas sobre a explosão ou as consequências do envenenamento radioativo. Nessa mesma linha estava também centrada a força discursiva de *Hiroshima*, de John Hersey (2002), no qual ocupam lugar central na narrativa as experiências de seis sobreviventes do bombardeio nuclear a Hiroshima em agosto de 1945.

2. A voz de pacientes e cobaias

Nesta seção analisarei três reportagens publicadas entre 2007 e 2008 que tinham como tópico central o estudo ou aplicação de experimentos terapêuticos – estando, portanto, compreendidas no escopo do jornalismo científico e do jornalismo de saúde, dois ramos bastante próximos que em usualmente se respaldam integralmente em expertises científicas como fontes, chegando ao ponto de utilizar a publicação de artigos em periódicos de alto renome como *Science* e *Nature* como principal ponto de partida para definir suas pautas.

Como informei anteriormente, a seleção de reportagens deriva de um estudo mais amplo sobre o uso de narratividade em reportagens de ciência e tecnologia. Um exemplo comum de monofonia – ou não-polifonia – encontrado no corpus é o uso de personagens não-especialistas que participam voluntariamente de experimentos científicos, como apresentado ou de tratamentos experimentais, dos quais seriam beneficiários. No entanto, a inclusão de suas histórias, como ocorre na reportagem “Magnetismo contra a depressão”, de Ricardo Zorzetto, é meramente ilustrativa: os personagens são abandonados tão logo suas histórias cumpram o papel de introduzir o tema, que conduzirá à apresentação da pesquisa a ser detalhada:

Ana Paula custa a se lembrar da última vez em que viu a mãe sorrir. Desde que sofreu sua primeira crise de depressão há quase 20 anos, Maria passa os dias triste, deitada no sofá remoendo pensamentos que brotam de um mundo sempre cinza. Já experimentou todos os tipos de antidepressivos conhecidos, mas nenhum foi capaz de pôr fim à apatia que ainda hoje a acompanha e a fez abandonar o trabalho na empresa da família na Região Metropolitana de São Paulo. Úteis na maioria das vezes, os remédios, no caso de Maria, no máximo adiavam a próxima recaída. Na última, há seis meses, os médicos tiveram de recorrer à aplicação de descargas elétricas no cérebro do paciente sob anestesia geral, a eletroconvulsoterapia, mais conhecida como eletrochoque – tratamento considerado como um dos mais eficazes para os casos mais graves, ainda que estigmatizado por já ter sido aplicado de modo cruel e usado até mesmo como técnica de tortura contra presos. Esse tratamento pode ajudar a restabelecer o funcionamento normal das células nervosas, ainda que geralmente cause uma perda de memória passageira, que pode durar de alguns dias até meses. Como nem as descargas elétricas funcionaram, em novembro Maria iniciou no Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (IPq/USP) uma terapia contra a depressão que nos últimos anos vem despertando o interesse de psiquiatras e neurologistas do mundo todo: a estimulação magnética transcraniana repetitiva (EMTr), uma seqüência de pulsos

magnéticos intensos capazes de estimular ou inibir a atividade do tecido nervoso. (ZORZETTO, 2007, p.42)

Esse é um expediente bastante comum em produções da revista *Pesquisa Fapesp*, cumprindo efetivamente a função que se propõe a desempenhar: o fornecimento de uma *abertura humanizadora* à reportagem, permitindo chamar a atenção do leitor para uma determinada pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo. A estratégia, porém, é menos humanizadora do que publicitária – Ana Paula, filha de Maria, a paciente, desempenha o papel de cliente satisfeita que, após buscar diversas alternativas para sanar a depressão da mãe, sem resultados, descobre o tratamento por estimulação magnética – retornando, ao final da reportagem, para atestar os bons resultados da terapia. A própria Maria, porém, não possui voz própria na reportagem, que não fornece nenhuma declaração sua – e ambas, mãe e filha, ao se verem desprovidas de sobrenome, têm sua condição de personagens ilustrativas reforçada em relação a fontes como o psiquiatra Marco Antonio Marcolin, os neurologistas Adriana Conforto e Alvaro Pascual-Leone e o físico Oswaldo Baffa, entre outros especialistas que fornecem o contexto e a interpretação dos dados da reportagem. O tom do texto é divulgacionista – e por isso mesmo publicitário –, com a prerrogativa de apresentar e explicar os princípios de um determinado tratamento experimental – quando há questionamentos, eles vêm da própria comunidade científica e são colocados como opiniões minoritárias, quase sempre sem nomes ou instituições que as respaldem, e logo em seguida são apresentados dados que os refutam; trata-se, assim, de uma pseudopolifonia.

Já “Eletrochoque”, de Consuelo Dieguez, publicada em *piuí*, aproxima-se dessa narrativa, mas de forma subversiva. O tema da reportagem, o uso de eletrochoques, ou terapia eletroconvulsiva – termos que se alternam constantemente ao longo do texto – para o tratamento da depressão, é também introduzido pela história de um paciente que se submete a um tratamento terapêutico:

Tranquilo Tezoto caminhou lentamente até uma fileira de cadeiras pretas. Acomodou-se em uma delas, dobrou o corpo, descalçou os sapatos e as meias, tirou um par de sandálias de borracha de uma sacola de plástico e as ajeitou nos pés. Endireitou o corpo, tirou a dentadura e a aliança e as entregou a sua mulher, Inês, para que as guardasse. Recostou a cabeça na parede e respirou fundo, como se aquela operação banal lhe tivesse custado um esforço sobre-humano. Há quase cinco meses, duas vezes por semana, o metalúrgico aposentado Tranquilo Tezoto repete o mesmo ritual. Aos 69 anos, ele tem os cabelos um pouco grisalhos e uma calva que começa a se pronunciar. Os seus olhos parecem estar sempre marejados. Aos sussurros, ele definiu a depressão

que há três anos o corrói: "É uma dor sem fim, uma angústia e uma tristeza que não passam nunca, um mergulho permanente no horror." Esse estado de espírito é acompanhado por fortes dores na nuca, inapetência e um cansaço infundável, exacerbado por noites agitadas e insones. Desde que afundou na depressão, Tezoto tomou um sem-número de medicamentos. Nenhum deles fez efeito. "Ele simplesmente não melhora", disse Inês. "Vê-lo assim é morrer um pouco a cada dia." Eram oito e meia da manhã de uma quarta-feira. O ex-metalúrgico fora um dos primeiros pacientes a chegar ao ambulatório psiquiátrico do Hospital das Clínicas de São Paulo, onde seria submetido a mais uma sessão de eletroconvulsoterapia, ou ECT, o novo nome para um dos mais atacados tratamentos psiquiátricos, o eletrochoque. Tezoto passara por 35 aplicações, o triplo das sessões consideradas suficientes para ultrapassar uma crise depressiva. Os efeitos não se fizeram sentir, embora ele admita que, nos dias em que toma choque, se sintam um pouco mais aliviado. (DIEGUEZ, 2008, p.58)

A abertura, assim, é pontuada pelo mesmo tema central: o drama humano causado pela doença, que as terapias disponíveis não conseguem resolver. Porém, o texto é polifônico, na medida em que busca nove fontes diferentes – daquelas que se opõem ao tratamento por eletrochoque por terem sofrido abusos em hospitais psiquiátricos com o uso dessa terapia, ou defendem o uso de medicamentos como alternativa, àquelas que o consideram estigmatizado e o justificam frente a uma indústria farmacêutica que visaria lucrar ao fabricar doenças:

Para Marco Antonio Brasil, a psiquiatria tem deixado em segundo plano a origem psicossocial dos transtornos psicológicos. Muitos deles, como a bulimia, a anorexia, o estresse e a síndrome do pânico, ele diz, são provocados por pressões da vida contemporânea. O psiquiatra Renato Del Sant, do Hospital das Clínicas de São Paulo, defensor dos eletrochoques, vai na mesma linha: "Os remédios estão substituindo totalmente as conversas com os pacientes. Corremos o risco de tratar a doença mental meramente como distúrbio físico, e não como um comportamento humano." Se o paciente está triste, toma Prozac; se está impotente, toma Viagra. A visão biológica é tão preponderante que as escolas de medicina, segundo ele, estão reduzindo a carga horária dos estudos de psicopatologia e aumentando a dos métodos neurocientíficos. "Dessa forma, a psiquiatria tende a desaparecer", radicaliza Del Sant. "Nos tornaremos neurocientistas, ou neurologistas, deixando a psicopatologia para os psicanalistas." (DIEGUEZ, 2008, p.61)

O percurso narrativo parte, dessa forma, da história de um paciente sem cura (Trancuilo Tezoto) para a contextualização da terapia eletroconvulsiva no Hospital das Clínicas de São Paulo (seção protagonizada pelo psiquiatra Sérgio Rigonatti), desembocando em uma breve historiografia do uso clínico de eletrochoques, inicialmente para o tratamento de esquizofrenia, cujos possíveis ganhos logo em seguida são colocados

em confronto com o testemunho de Austregésilo Carrano, uma das lideranças do Movimento Antimanicomial, que denuncia os abusos e danos dessas práticas. Segue então uma seção de repercussão dos três pontos-chave – as terapias contra a depressão, o uso clínico do eletrochoque e o movimento antimanicoial – nos quais pesquisadores, médicos e pacientes se alternam em depoimentos, sem que seja conferido maior peso ou credibilidade a um ou outro segmento. A reportagem se encerra ao retomar a história de Trancuilo:

Menos de um mês depois do tratamento com eletrochoque, Trancuilo Tezoto tentou se suicidar. Subiu na laje de sua casa e se jogou de uma altura de quase 5 metros. Dias antes, sua mulher insistira com os médicos da psiquiatria do Hospital das Clínicas para que o internassem. "Os médicos me disseram para tomar conta dele até que surgisse uma vaga no hospital", ela contou. "Mas ele estava muito triste, esperou um descuido meu e se jogou. Nem os remédios, nem o eletrochoque foram capazes de pôr fim a sua angústia." (DIEGUEZ, 2008, p.61)

Com essa moldura narrativa, após sequências de parágrafos em que a defesa de fármacos ou de eletrochoque estão em contraponto, o personagem ilustrativo da abertura reaparece para tornar-se, de certa forma, protagonista. O percurso narrativo-discursivo que a reportagem descreve é também o debate acerca de sua vida, da busca por um tratamento que pudesse, adequadamente, livrá-lo da depressão. O desfecho, porém, incluem um terceiro ponto discursivo, de insatisfação e indignação, visto que a rivalidade de terapias toma a forma de uma disputa de mercado, de reserva profissional.

Nossa terceira reportagem veste um manto discursivo bastante distinto, ao optar pela narrativa em primeira pessoa:

Na data marcada para buscar meu cheque, conheço Jordi Ribas, o coordenador do projeto. Ele lamenta minha saída do estudo. O objetivo específico da pesquisa que participei, diz ele, é descobrir se, depois de tomar a segunda dose da ayahuasca, os efeitos são mais fortes ou mais fracos. Ou seja, se o fármaco causa ou não tolerância. Não há nenhuma pretensão em averiguar um possível uso terapêutico. Ele começou a pesquisar o alucinógeno porque estava interessado no seu mecanismo de ação no sistema nervoso central. Em 2003, defendeu a tese "Human Pharmacology of Ayahuasca" na Universidade Autônoma de Barcelona. Em um dos estudos, uma análise tomográfica mostrou que o alucinógeno ativa áreas do cérebro ligadas ao processamento de informações emocionais, como o sistema límbico. Daí se pode deduzir a presença de fortes mudanças emocionais nos voluntários. Uma diminuição das chamadas ondas lentas, delta e teta, provoca um efeito estimulante da atividade cerebral, o que aumenta a velocidade do pensamento. Segundo ele, a experiência também tem um "componente estressante", com o aumento da liberação de cortisol. Geralmente, os efeitos duram de quatro a seis horas. (D'ÁVILA, 2007, p.48)

O trecho acima, da reportagem “Voluntário número 13”, publicada na edição de abril de 2007 de *piuí*, conclui um texto a partir do qual diversos pontos problemáticos acerca da pesquisa científica – e do próprio jornalismo científico – podem ser levantados. A narrativa acompanha alguns dias na vida do próprio repórter, Marcos D’Ávila, que, desempregado em Barcelona, submete-se voluntariamente a um experimento acerca dos efeitos da ayahuasca, substância alucinógena de origem andina, utilizada em cerimônias religiosas de grupos como o Santo Daime. Um dos temas principais são as condições a que são submetidas as cobaias de experimentos e tratamentos experimentais, e o benefício que se pode trazer desse tipo de pesquisa. No caso dessa reportagem, o autor deixa bem demarcado que a finalidade não é farmacêutica, mas verificar se a substância tem efeito semelhante ao álcool, causando tolerância conforme é consumida. O tom é diverso daquele empregado durante a maior parte do texto³, mais debochado ou pessoal, em que são evidenciadas hesitações e questões de identidade junto aos procedimentos do experimento. Pode-se considerar irônico o uso de jargões técnicos da farmacologia (em geral ausentes do vocabulário utilizado) e das aspas, num distanciamento enunciativo, ao se falar no eufemismo de “componente estressante” para os efeitos da ayahuasca – que, em diversos trechos, são descritos como reações insuportáveis pelo repórter-voluntário, com uma riqueza de detalhes sensoriais e gráficos –, uma denotação da frieza da curiosidade científica e do tratamento desumano de voluntários/cobaias, não distante da “rotina grotesca dos criadouros” a que o autor remete. A lógica dessa reportagem segue uma hierarquização inversa à de “Magnetismo contra a depressão” ao colocar a experiência pessoal do repórter como principal definidora do real e fio condutor da narrativa; quando especialistas são consultados, suas contribuições são pontuais – e por vezes ilustrativas, curiosidades. A prerrogativa de D’Ávila é que o leitor o acompanhe por sua jornada pessoal pelo submundo da ciência, a partir do ponto de vista privilegiado – e incomum – da cobaia de um experimento, cujas experiências degradantes se tornam o foco da narrativa, a informação a se compartilhar, permitindo ao leitor problematizar, de uma forma mais ampla, o uso de seres vivos em testes laboratoriais, lançando questionamentos à ética das pesquisas.

³ “Recebo um formulário. Sexo? Masculino. Raça? Aí complica... Opções: negro, branco ou oriental. Tem nenhuma das anteriores? Já me confundiram com japonês. Olhos castanhos, ligeiramente puxados, e cabelo preto bem liso. Creio que herdei de antepassados indígenas do Peru. Mas também tem português no meio, italiano, espanhol. Sou, hum... Moreno? Não pode. O enfermeiro dá fim às minhas inquietações raciais.
- Põe branco. (D’ÁVILA, 2008, p.45)

3. Instituições, experiência e compreensão

Ao longo deste texto, tive como preocupação central compreender distinções do uso de entrevistados como fontes de informação e/ou personagens no jornalismo de pirâmide e no jornalismo literário, a partir do argumento central de que o primeiro se ampara no prestígio de instituições para buscar as definições primárias de um texto noticioso, enquanto para o segundo importam mais as experiências individuais dos entrevistados, mesmo no caso em que não são os protagonistas das reportagens.

A dicotomia entre instituição e experiência, entre ideologia oficial e ideologia do cotidiano, foi exemplificada em três reportagens: "Magnetismo contra a depressão", de Ricardo Zorzetto, "Eletrochoque", de Consuelo Dieguez, e "Voluntário número 13", de Márcos D'Ávila – as quais, como pode ter sido possível depreender, são respectivamente exemplares de jornalismo de pirâmide, jornalismo literário realista/empiricista e jornalismo literário modernista/fenomenológico.

Na reportagem de Zorzetto, seguindo um procedimento editorial padrão da revista *Pesquisa Fapesp*, vemos que, das fontes ligadas à ideologia do cotidiano, uma é silenciada e outra instrumentalizada numa retórica publicitária na qual o lugar de saber é conferido unicamente às fontes especializadas, à ideologia oficial. No texto de Marcos D'Ávila, porém, essa equação se inverte e a ideologia do cotidiano prevalece sobre a ideologia oficial, numa narrativa em que a experiência conta muito mais do que os discursos oficiais – ironizados pelo uso distanciado de jargões científicos. Temos aí um novo binômio dicotômico: o discurso individualizador da experiência única em contraposição ao discurso universalizante de uma ideologia oficial que se pretende como aplicável a todos os contextos.

Já em “Eletrochoque” os pólos da instituição e da experiência, universal e individual, oficial e cotidiano, entram em um tensionamento sem resolução: a autora costura um mosaico polifônico – uma verdadeira comunidade estendida de pares – de situações e posicionamentos a favor do tratamento de eletroconvulsoterapia ou opostos a ele, em geral favoráveis ao uso de medicamentos para combater condições mentais consideradas patológicas, como esquizofrenia e depressão. A história que emoldura a reportagem – especialmente em seus desfecho, narrativo-descritivo mas não declaratório, oferece linhas discursivas que se contrapõem à maioria daquelas apresentada ao longo da

reportagem: o contraste é intenso uma vez que a dicotomia ideológica que constitui o seu fio narrativo (a defesa do eletrochoque ou do uso de fármacos), na qual a maior parte das fontes afilia-se a um ou outro dos lados, é abalada pelo encerramento, quando um paciente que não foi curado por nenhuma das alternativas tenta o suicídio; assim como num romance de Henry James, as linhas finais parecem ter o poder de pôr abaixo tudo o que se tomou como certeza ao longo do percurso narrativo, e percebe-se que a ciência moderna possui limites, e sempre os possuirá. O maior trunfo, e potencial libertário desse tipo de texto, é que o repórter não toma para si a tarefa de trazer uma conclusão pronta a respeito do tema abordado; não se tem, portanto, uma impressão de acabamento, e cabe ao leitor dar a sua contrapalavra.

A complexidade no tratamento da reportagem está bem afim aos princípios de uma epistemologia compreensiva conforme definida por Künsch, Menezes e Passos (2017): a reunião de diversas formas de saber, não necessariamente científicos, e o estímulo ao debate igualitário, despido de preconceitos entre eles. Dentre os pilares da compreensão kunschiana está ainda mais um binômio – o da compreensão oposta à explicação; o assunto merece desenvolvimento ulterior, mas já a partir das discussões apresentadas aqui posso tomar como pressuposto de que o jornalismo de pirâmide se sente mais à vontade com a resolução de dúvidas, com o didatismo, com a explicação dos fenômenos que acompanha e reforça sua tendência universalizante, enquanto ambos os exemplares de jornalismo literário aderem, de maneiras distintas, ao gesto da compreensão – a reportagem de Consuelo Dieguez pelo tratamento complexo e polifônico do tema, enquanto a de Marcos D'Ávila, ao apresentar uma visão particular que não pretende oferecer um enclausuramento discursivo, adiciona mais uma voz à cadeia dialógica sobre o tópico do uso de seres vivos em experimentos.

Referências

AGEE, James. **Elogiemos os Homens Ilustres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALEKSIÉVICH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAPOTE, Truman. **A Sangre Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

D'ÁVILA, Marcos. Voluntário número 13. **piauí**, n. 7, abr. 2007, p.44-48.

DIEGUEZ, Consuelo. Eletrochoque. **piauí**, n. 21, jun. 2008, p.58-62.

EASON, David. The New Journalism and the Image-World. In: EASON, David (Org.). **Literary Journalism in the Twentieth Century**. Oxford: Oxford University Press, 1990, p.191-205

FUNTOWICZ, Silvio O.; RAVETZ, Jerome R. Science for the post-normal age. **Futures**. v.25, n.7, p.739-755, set. 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**. Florianópolis: Insular, 2012.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: os *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Florianópolis: Insular, 2016, p.309-341.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José Eugenio de O.; PASSOS, Mateus Yuri. Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como método. ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 26. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. **Anais...** Brasília: Compós, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

MITCHELL, Joseph. **Up in the Old Hotel**. New York: Pantheon, 2012.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The Spiral of Silence**. Chicago: Chicago University Press, 1993.

PASSOS, Mateus Yuri. Jornalismo literário e a pirâmide: implicações na comunicação pública da ciência. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v.33, n.2, p.199-219, jul./dez. 2010.

_____. Perfil e contraperfil: os três Joe Goulds de Joseph Mitchell. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). **Narrativas Comunicacionais Complexificadas 2: A forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p.193-213.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do Jornalismo literário. **Contracampo**. n.18, p.75-96, jan./jun. 2008.

PAULY, John. The politics of New Journalism. In: SIMS, Norman (Org.). **Literary Journalism in the Twentieth Century**. New York: Oxford University Press, 1990, p.120-129.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo e parresía: mentiras sinceras e outras verdades**. Tese (Doutorado de Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SIMS, Norman. **True Stories**: a century of literary journalism. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.208-521.

ZORZETTO, Ricardo. Magnetismo contra a depressão. **Pesquisa Fapesp**, n.131, jan. 2007, p.42-47.